

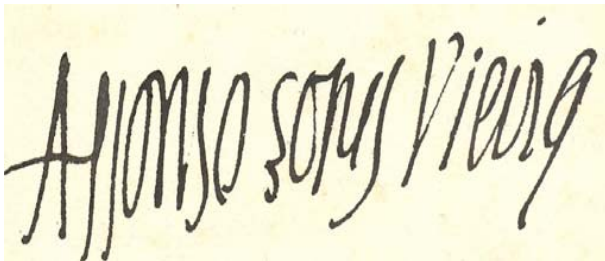
Afonso Lopes Vieira: *A Campanha Vicentina* e os Serões de Alcobaça na imprensa e na intimidade

– ou de como reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu...

Cristina Nobre – ESE/IPL/CIID



OBJECTIVOS



Afonso Lopes Vieira



1. Afonso Lopes Vieira, o *neo-Garrett* de Portugal: representante subliminar do nacionalismo literário
2. Missão de *reaportuguesar Portugal*, tornando-o europeu:
 - 2.1. Divulgação da obra de Gil Vicente, reunida em 1914 na **Campanha Vicentina**
 - 2.2. **Serões de Alcobaça**, em 1913
3. Papel da **imprensa da época** na divulgação dos eventos associados a estes dois programas, transformando-os em marcos culturais da contemporaneidade.
4. Na intimidade das **trocas epistolares**, ALV revela uma perspectiva diferente destes programas
5. RECEPÇÃO feita pela imprensa e leitura das epístolas: dois modos diversos de valorizar o património cultural e contribuir para uma reedificação nacional, sem esquecer nunca a dimensão europeia.

A mundividência finissecular: tempo de confluências e de transições

TRINDADE COELHO, "Apresentação", *Revista Nova*, n.º 1, Novembro de 1893

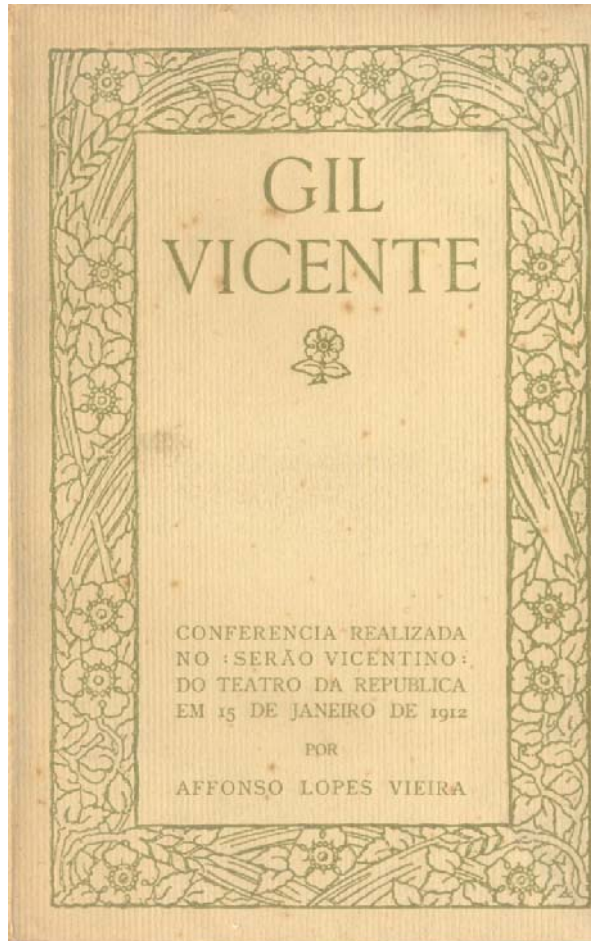
- Reconhece abertamente a "crise aguda" que o país atravessa a todos os níveis, e vê uma possível solução na reacção viril: "[...] contra a onda triunfante de **estrangeirismo**, que tudo vai deixando submerso em vasa e lodo, e de, ao mesmo tempo, numa **regressão ao passado**, ir buscar alento e estímulo para a iminente **revolução do futuro**." (Coelho, 1961: 265-6)
- "[...] pregar a devoção por tudo o que tenha um **sabor nacional**, por tudo o que, na essência ou na forma, traga impressa, sem contrafacção, a **marca portuguesa**." (*idem*: 268)
- "[...] chamar à guerra santa contra o cego culto com que hoje se adora o **Estrangeirismo**, e implantar, em seu lugar, fanática e intolerante, a **religião sagrada do Nacionalismo**, é um dever que se nos impõe com uma urgência iniludível." (*idem*: 270-1)

Retorno e amor às tradições: "as óptimas coisas do passado"

- Teófilo Braga
- Leite de Vasconcelos
- Adolfo Coelho
- Consiglieri Pedroso
- *Revista Lusitana* (entre 1887 e 1943)
- *Portugália* (1925-26)
- *Revista de História* (entre 1912 e 1928)
- *Arte & Vida* (de finais de 1904 a princípios de 1906), dirigida por João de Barros e Manuel de Sousa Pinto
- nova linha de acção — a do NEO-ROMANTISMO VITALISTA, caracterizado por uma "[...] forte reacção poética contra o espírito pessimista, egotista e esteticista do fim-de-século [...]" (Pereira, 1977: 58)

O Povo e os poetas portugueses [PPP], primeira conferência pública de Lopes Vieira

lida pelo autor no Teatro D. Maria II, em 12 de Janeiro de 1910



- "a persistência poética da raça"
- "mórbido desmazeladismo português, resultando natural, como forma passiva de resistência, do divórcio entre o Povo e o Estado."
- uma fuga pelas forças da intuição e do espiritualismo, uma busca da ancestralidade de todo um povo, onde se esperam encontrar as energias de reconstrução, de renascimento de uma pátria

Campanha Vicentina [CV], 1914
conjunto de actividades culturais relacionadas com
Gil Vicente e a divulgação da sua obra



versão em português do
Monólogo do Vaqueiro de Gil Vicente

representado no teatro D. Maria II, em Lisboa, em 17 de Fev. de 1910

- "Palavras" (29 de Abril de 1911)
- "Gil Vicente" (serão vicent. de 15 de Jan. de 1912)
- "Gil Vicente" (18 de Maio de 1912)
- "Conferência" (6 de Dezembro de 1912)
- *Auto da Barca do Inferno*, 1911
- ***Exortação da Guerra, Frei Paço, Todo o Mundo e Ninguém e Mofina Mendes***, em 1912
- ***Autozinho da Barca do Inferno***, 12 de Fev. de 1913
- ***Autos de Gil Vicente***, ed. "Renascença Portuguesa", Porto, 1916
- representação de Gil Vicente em serão organizado pela Federação Académica de Lisboa, no teatro de S. Carlos, em 1916
- conferência sobre "Gil Vicente", em Madrid, em Abril de 1923
- o ciclo de representações de ***Auto da Barca do Inferno, Auto Pastoril Português, Farsa do Velho da Horta, Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela***, pela equipa de Amélia Rey Colaço e de Robles Monteiro, no teatro D. Maria II, em 1930
- **IV centenário da morte de Gil Vicente** com a reposição de peças nas versões de Lopes Vieira, nas jornadas de Maio e Junho de **1937**, que passam de Lisboa a Guimarães, até ao Porto, Coimbra e Évora
- últimas conferências proferidas sobre Gil Vicente: "Ao Povo de Lisboa" e "No centenário de Gil Vicente", 1937

Inclusão do autor num certo NACIONALISMO LITERÁRIO

- [...] Antes disso eu já fora abrir o magnífico volume sobre *A Campanha Vicentina* iniciada e sustentada por V. E. com tanto brilho e sucesso, — lendo tanto as partes novas como aquelas que já eram minhas conhecidas — e recordando, desta vez, as duas representações a que assisti. Faz tão bem respirarmos a atmosfera robustecedora do *Velho Portugal*. [...]
- [...] uma das cruzadas literárias mais frutuosas, conduzida por uma só pessoa, que há na literatura portuguesa.
(Aquilino Ribeiro, [1949]: 316)
- [...] E é consagrando-se ao arranjo e modernização de alguns dos autos do mestre do *Pranto de Maria Parda* que ele se inicia nessa espécie de arte de restaurador de fórmulas, temas, medidas, ambientes e sentimentos consagrados pelos poetas e artistas do passado, sua ocupação quase exclusiva depois. [...]

[BML, *Cartas [...]*, vol. II, carta de Carolina Michaelis de Vasconcelos, de 26 de Abril de 1914]

(João Gaspar Simões, 1959: 353)

O desfavor do público

- Este facto fecundo da restauração do velho trecho, que é a certidão de idade e de nobreza do teatro português, essa sua primeira iluminação pela ribalta, seria, em qualquer país razoavelmente educado no culto das suas tradições, uma ruidosa festa de arte, a que ninguém de bom gosto se atreveria a faltar. Aqui foi tristemente deserta essa récita, cuja data — 17 de Fevereiro — tem, no entanto de guardar-se. Primaram todos pela sua ausência: da corte, para quem o monólogo gentil foi escrito, ao povo, para quem a tradução fidelíssima se fizera [...].
- Verdadeiramente, é deplorável que o público persista em não afluir a D. Maria, como que de *parti pris*, mesmo em noites que bem mereciam a presença de todos quantos costumam, por gosto ou por *snobismo*, assistir a espectáculos de arte. Há tempo, a brilhantíssima conferência do sr. ALV efectuou-se no Normal perante um reduzido número de pessoas; o mesmo sucedeu com o espectáculo de ontem, que foi todavia, não há negá-lo, um verdadeiro acontecimento artístico.

[apud ABI: 71 Manuel de Sousa Pinto, *O Dia*, 25 de Novembro de 1910]

(Aníbal Soares, [1910b]: R, I: f. 44v.)

Como explicar esse desinteresse?

- Compreendo a tristeza, o desalento, o mal-estar que às vezes se apodera do espírito de V. E. — a sua indignação pelo vício de **destruir — desamar — ridicularizar** dos Portugueses. E também o que me diz das horas deliciosas que a ressurreição das criações antigas lhe proporciona. — Sim, poucas cousas há nesta vida superiores á alegria de viver dentro de uma ideia consoladora. Não desanime. Que importa que sejam poucos os que avaliam com justiça e justeza o seu sacrifício? [...]
- O **regime que despontava** cometeu a falta imperdoável de não distinguir **este renovador**, se é que apenas não poderia divisá-lo na turbamulta das notabilidades que erguiam o colo, como os groux, para o sol nascente. À grande maioria ultrapassava-a ele com a sua estatura intelectual, indiscutivelmente artífice duma soberba obra de retemperação moral e social e poeta ao mesmo tempo de acento tão vincado e humano. [...] O artista [...] refugiou-se na sua **torre de marfim**, desiludido com a materialidade triunfante.

(BML, *Cartas [...]*, vol. II, Carta de Carolina Michaelis de Vasconcelos, de 22 de Dezembro de 1911)

(Aquilino Ribeiro, [1949]: 318-9)

Sucesso da "representação de Câmara",

em casa de José Lino Júnior, em Lisboa, a 24 de Maio de 1912



- **Em poucas casas portuguesas, por muita opulência que as doire, poderia fazer-se com tanta consciência e bom-gosto o restauro de esta maravilhosa peça gótica, que Gil Vicente aplaudiria com orgulho de a ter escrito por tão inteligentemente a ver interpretada.**

[Hipólito Raposo, CV: 254]

- **Festa de gozo e de ensinamento, a iniciativa da família Lino merece, por isso, todos os aplausos e oxalá o seu exemplo frutifique. É com estas e outras idênticas, que as camadas cultas se impõem e nobilitam.**

[José de Figueiredo, CV: 257]

O Auto da Barca do Inferno

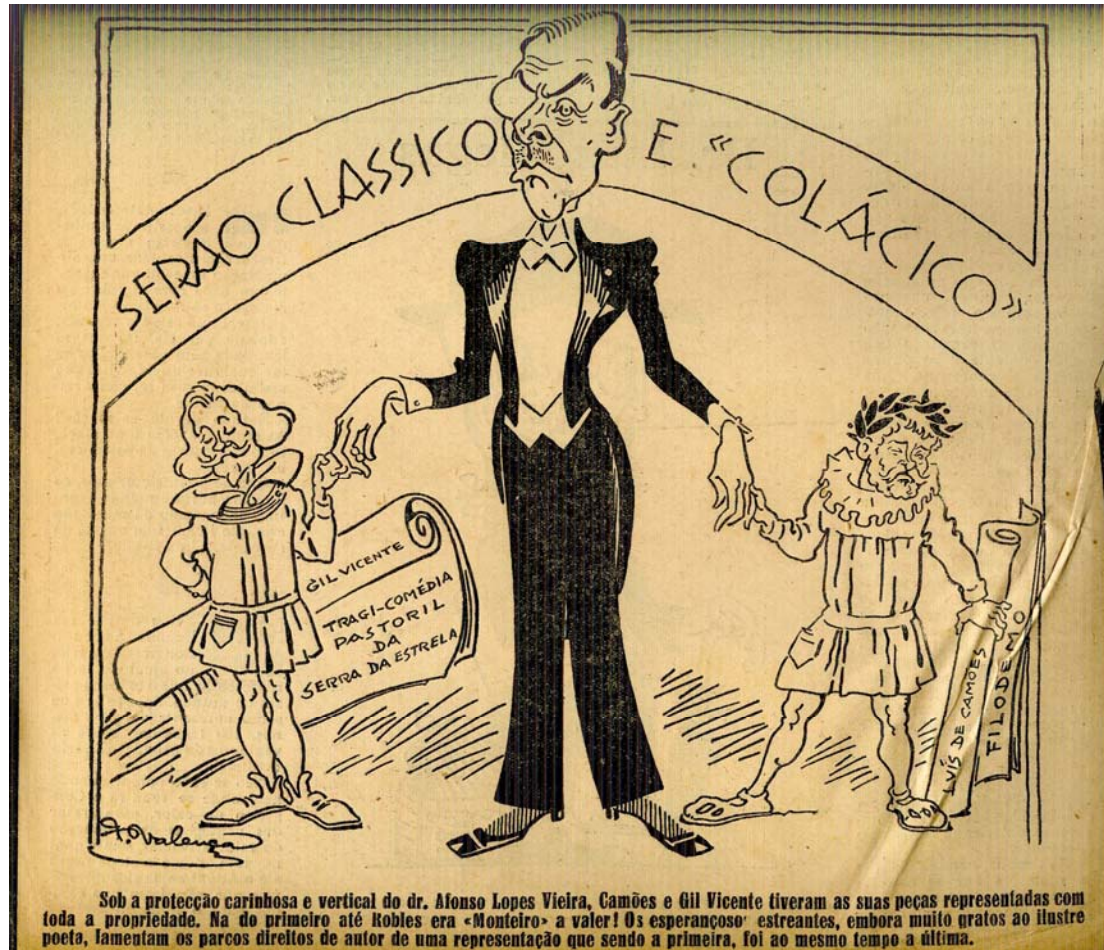
(1.^a representação em 18 de Dezembro de 1911, em Lisboa, no Teatro da República)

GRANDE SUCESSO

- será repetido em Coimbra e no Rio de Janeiro, culminando no 2.^o Serão Vicentino, no Teatro da República, em Lisboa, em 6 de Dezembro de 1912
- dificuldade em manter vivo esse interesse do público:
"— o que não quer dizer que êste primeiro impulso não viesse a desfalecer, como os seguintes que foram sendo tentados até aos últimos anos."

[Afonso Lopes Vieira, CV: 190-1]

1932, 26 de Maio, in *Sempre Fixe. Semanário Humorístico*, 7.º ano,
p.1. [BNLx., J. 1962 M., bob. 5] e [in R, II, f. 15v.]



Jornadas de comemoração do centenário, entre Maio e Junho de 1937, com representações em Lisboa, Guimarães, Porto, Coimbra e Évora

Carta de ALV para Vitorino Nemésio,
de 8 de Agosto de 1937:

[...] Este ano tive a
satisfação do Centenário
de Gil Vicente, q. teve nas
récitas populares —
gratuitas!!! — um desígnio
chique. [...]

(BNLx., esp. E-11)

Carta de ALV para Agostinho de
Campos , de 16 de Outubro de 1937:

[...] O q. teve realmente
importância foi o ciclo de
representações. O ministro foi
chique — e 40:000 portugueses
ouviram — e entenderam, e
gostaram dos Autos! Creio q.
nunca um autor foi sujeito a mais
temerosa prova e saiu dela mais
vitorioso. Isso alegrou o meu
velho coração de Descontente.
[...]

(*apud* Amaro, 1972: 40)

homens. Daqui até ao lecho o nime e um cantico ás alegrias da terra e da gente portuguesa. Impõe-se como apoteose condigna ao ressurgimento nacional e tam-

IV CENTENARIO DA MORTE DE GIL VICENTE

Uma recita popular promovida pelo Ministerio da Educação Nacional na esplanada do Castelo de S. Jorge



Na antiga praça de armas do Castelo de S. Jorge, num cenário esplendoroso, tendo por fundo a longa perspectiva do Tejo e do casario amontado da cidade, realizou-se ontem, por feliz iniciativa do sr. ministro da Educação Nacional, uma linda festa evocativa das antigas representações dos autos vicentinos, a que assistiu numeroso publico e o proprio ministro, que justas razões tem para sentir-se orgulhoso dos resultados práticos da sua louvavel ideia.

Mais uma vez demonstrou assim o sr. dr. Carneiro Pacheco quanto lhe interessam os assuntos de Arte que ao seu ministerio dizem respeito, interesse tão bem definido no magnifico relatório do decreto-lei que ordenou esta consagração de Gil Vicente e que houve o bom gosto de publicar nos artisticos programas da festa, gratuitamente distribuidos.

Foi um belo espectáculo ao ar livre, em que a excelente companhia do Teatro Nacional, num harmonico e perfeito conjunto, re-

presentou trechos de Gil Vicente, o seu «Auto Pastoril», a sua «Farsa de Inez Pereira» e a sua «Tragicomedia Pastoral da Serra da Estrela».

Com grande interesse o publico assistiu ao passar, sobre um improvisado palco, das personagens tão caracteristicas do poema.

(Continua na 2.ª página)

Um trecho da assistencia á representação e, em baixo, uma cena do auto representado

Diário de Notícias

Sepman-feira 7 Junho 1937

"Ao Povo de Lisboa",

na praça de armas do Castelo de Lisboa, em Junho de 1937

- Pois bem: então, como hoje, Gil Vicente não pertence só aos doutores; é também vosso e muito vosso. Por isso se fez esta representação fora do teatro, onde cabe pouca gente, e viemos ao vosso encontro para que Gil Vicente vos dê esta grande lição do melhor portuguesismo e esta rara alegria de arte — porque a única boa regra é que nós nos elevemos até às coisas belas e não que as coisas desçam para nos agradar. Pela primeira vez se faz em Lisboa uma representação como esta, em que se dá dado ao povo o melhor que se tem. É por isso uma festa que honra quem a oferece, e quem a oferece é a Nação Portuguesa, pela mão do ministro da Educação Nacional. [NDG: 148].

Último acto, quase trágico, da sua Campanha Vicentina
em Fevereiro de 1944, Lopes Vieira escreve uma carta aberta
a Joaquim Manso, director do *Diário de Lisboa*

- Ainda há dias, com o esplendoroso *Auto da Alma*, glória de uma literatura, admiravelmente encenado e representado, e com a estreia do *Auto da Feira*, a plateia estava muito menos de meia e os camarotes e as frisas, desertos!... Não, não! Esta coisa afrontosa tem de acabar por honra de nós todos, por amor da própria dignidade da Nação. Que o Estado providencie para que a mocidade das escolas assista às tardes clássicas e aí comece a aprender o que todos os portugueses não podem ignorar, se aspirarem aos bens e às honras da cultura. § Quando, no centenário de 37, se realizaram pelo país as récitas vicentinas gratuitas, ao ar livre, pôde verificar-se que o povo mais humilde continuava a amar o seu Poeta. Já que o povo não pode, por circunstâncias tristes, ir a D. Maria, que vão, ao menos, nessas tardes, os rapazes e as raparigas da Universidade e dos liceus encher a sala encantadora onde, durante umas horas, a alma e a língua de Portugal revivem. [ALV, 1944: 7]

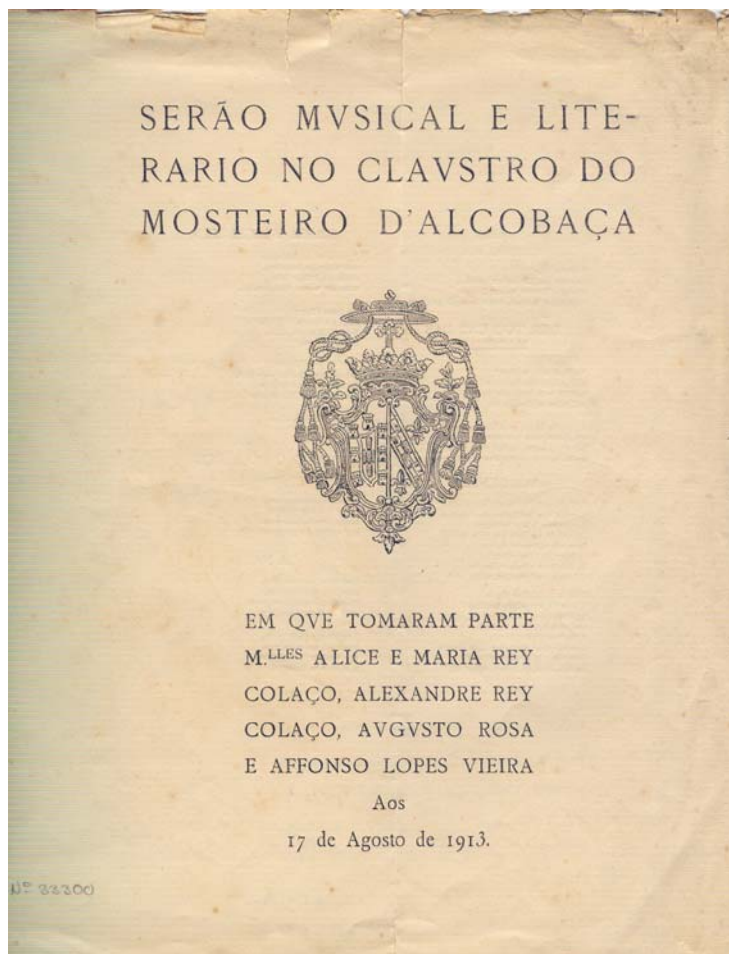
GIL VICENTE no cânone escolar e no palco

- Dessa campanha de patriotismo, ilustração e bom-gosto (de que o teatro do Estado naturalmente se desinteressou, como era do seu dever burocrático) faz parte literária importante uma série de conferências didáticas, comunicativas pela forma e na essência sólidas, com que Lopes Vieira acompanhou as representações. E assim, pela acção e pelo comentário, com incansável entusiasmo, o Poeta obteve que Gil Vicente penetrasse na chamada 'boa-sociedade', e também **em Liceus e outras escolas**, não apenas como tópico de programa lectivo, mas com a sua imortal palpitação de vida.
- António Lopes Ribeiro, "Teatro Português: Gil Vicente representado agora" (1942: 163-6), reconhece ao poeta **o acordar do texto vicentino para a luz dos palcos**, trabalho de actualização seguido depois com êxito pela companhia do Teatro Nacional D. Maria II e pelas récitas do Teatro Universitário, dirigido por Paulo Quintela.
- [...] a experiência de ALV foi um discutível, mas inegável, contributo para o reatar das relações entre Gil Vicente e **o público do século XX**.

(Idalina Resina Rodrigues, 1986: 137).

Primeiro *Serão Literário* de Alcobaça, 17 de Agosto de 1913

Organização de ALV com a ajuda de Vieira Natividade



A correspondência com Augusto Rosa durante este período é muito grande, evidenciando o controlo total que Lopes Vieira exercia sobre a concepção integral do programa

Querido Augusto: tenho estado a pensar em V., pensando nas leituras q. V. dirá em Alcobaça. E sou chegado a esta conclusão, q. lhe *proponho*. V. terá 2 n.ºs do programa — lendo no primeiro o q. já lhe digo, e no 2.º o *Episódio* dos Lusíadas. Ora essa primeira leitura seria a do final do acto V da *Castro* de Ferreira, começando no verso do *Infante* — *Que novas trazes?* e daí até ao fim. Esse final é soberbo de força, de calor e dor, e estou convencido q. V. gostará dele para o dizer lá. Leia-o e diga-me a resposta, p.^a se ir fixando o programa com tempo e descanso. Parecia-me terem assim as suas leituras, *ambas Inesianas*, mór nobreza e character. Espero resposta. — Começo apenas a convalescer... Nossos melhores cumprimentos p.^a a Sr.^a D. L.

Amigo certo e admirador

Até cá!

Affonso

(ANTT, 545, p/2, 46, bilhete com carimbo de 5 de Julho de 1913)

Durante o serão inaugural o escritor proferiu a conferência "Inês de Castro na Poesia e na Lenda",

posteriormente integrada no vol. *Em demanda do Graal* (1922: 39-74)

• PROGRAMA •

I — *Inês de Castro na Poesia e na Lenda* — Conferência
pelo Sr. AFFONSO LOPES VIEIRA.

II — *Sonata (Clair de Lune)* BEETHOVEN
pelo Sr. A. REY COLAÇO.

III — a) *Aria (Mathias Passion)* BACH
b) *La Jeune Fille et la Mort* SCHUBERT
por M.^{lle} ALICE REY COLAÇO.

IV — *Prelúdio e Fuga* BACH
por M.^{lle} MARIA REY COLAÇO.

V — Leitura de *Sonetos de CAMÕES* e do *Acto V da Castro*, de AN-
TONIO FERREIRA, pelo Sr. AUGUSTO ROSA.

VI — a) *Marcha Fúnebre* CHOPIN
b) *Berceuse*
pelo Sr. A. REY COLAÇO.

VII — a) *Berceuse* MOZART
b) *Berceuse de la Vierge Marie* REGER
c) *Canção do Berço* REY COLAÇO
d) *La Nana (Berceuse Andaluza)*
por M.^{lle} ALICE REY COLAÇO

VIII — Leitura do *Episódio de Inês de Castro*, dos *LUSIADAS*,
pelo Sr. AUGUSTO ROSA.

IX — a) *Canção do Mondego* REY COLAÇO
b) *St. François de Paule marchant sur les flots (Légende)* LISZT
pelo Sr. A. REY COLAÇO.

PIANO IBACH

Este programa duma Festa do sono
ofereceu-o a sua Excellencia e muito
querido Amigo Senhor D. Leonor de Castro
Senhor Rosa, como REMEMBRANÇA

ALICE
18. Junho 13

Affonso Lopes Vieira

ARIA
(MATTHAUS PASSION)

Dem und Dir
Erleucht des Sünderherz erzwung,
das die Tropfen meiner Zilhen
angeneim spezzet, truer Jesu, dir gebühren.

DER TOD UND DAS
MADCHEN

Vorüber, ach, vorüber!
geh' wilder Rauschmann!
Ich bin noch jung, geh' lieber
und rühre mich nicht an.

Gib deine Hand, du schickst und zart Gefühl!
bin Freund und Komme nicht zu strafen.
Sei ganz Meis! Ich bin nicht wild,
Sollst auch in meinen Armen schlafen!

WIEGENLIED

Schleie, mein Fräulein, schlief' ein,
es ruh' u' aus Schickhen und Vögeln.
Garten und Wiese vernehmen,
auch nicht ein Blüthen mehr summt.
Iass mit silbernen Schein
guckst zum Fenster herin:
Schleie beim silbernen Schein,
Schleie, mein Fräulein, schlief' ein!

Wer ist beglückter als du?
Nimm die Vorigen und Ruh!
Spielewerk und Zucker vollend,
und such Küssen im Lauf.
Alles kommt und heilt,
das nur mein Fräulein nicht schreit.
Was wird da künftig erst sein?
Schleie, mein Fräulein, schlief' ein!

MARIA WIEGENLIED

Marie sitzt am Bauschlag
und singt die Jesuchind,
durch die Blätter leise
weht der warme Sommerwind.

Zu dem Flus
singt ein buntes Vögelchen:
Schlaf, Kindlein, schlief,
schlaf' aus die!

Held ist dein Kindlein,
schick' diese Schlämmer Lust,
lag dein südes Köpchen
fest und dicker Mutter Brust!

Schleie! Kindlein, schlief,
schlaf' aus die!

CANÇÃO DO BERÇO
(MINHO)

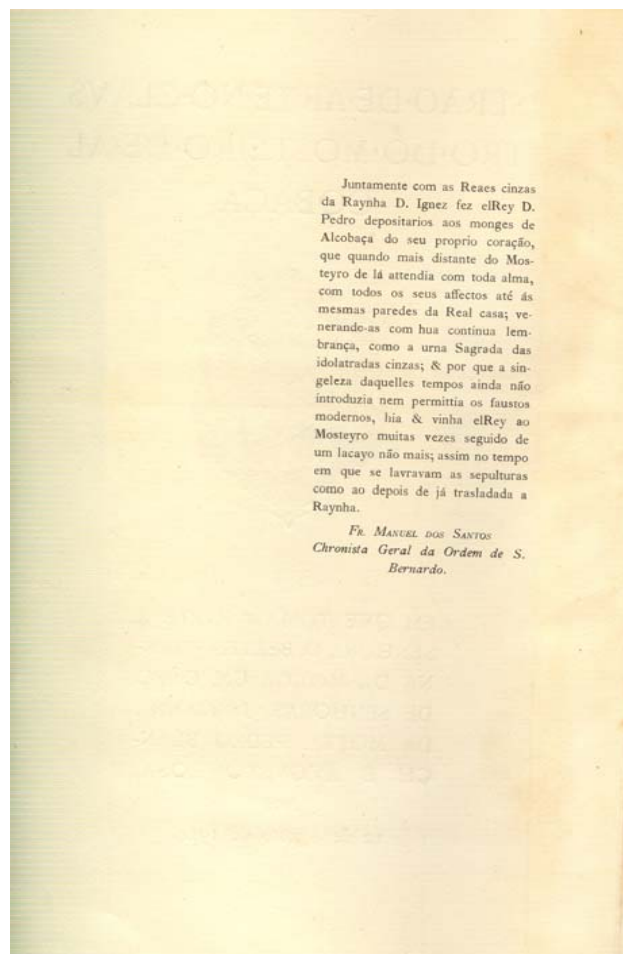
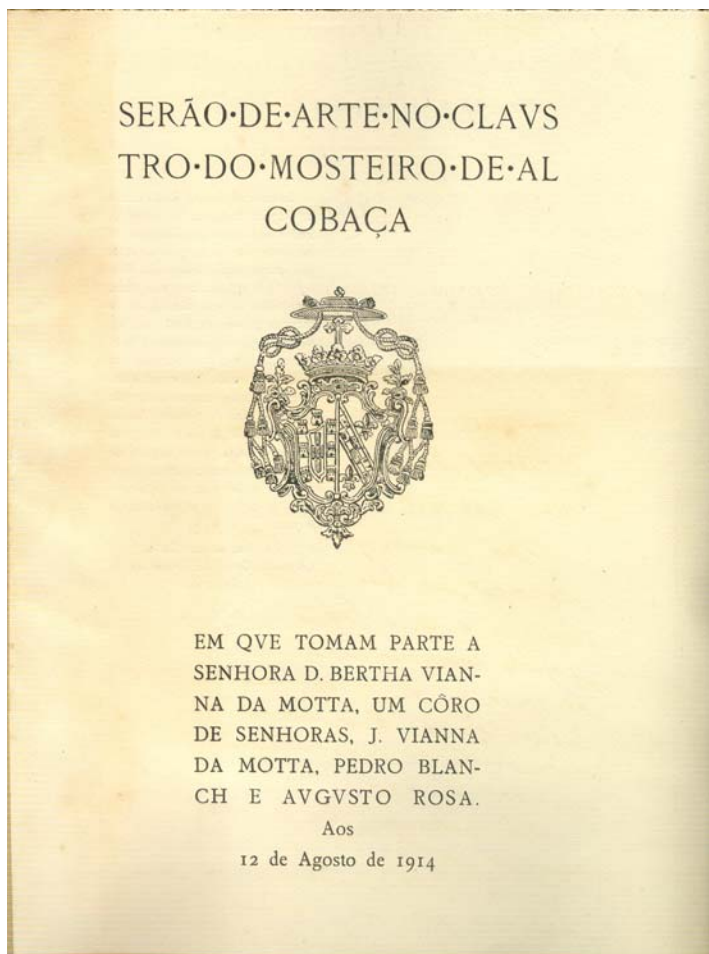
O meu menino é d'ouros,
d'ouros é o meu menino,
tal de talar-o me saio
por outro mais pinguete.

LA NANA

Duermet, mio cagnolo,
mira que viene la morsa,
preguntado pueta en pueta
cual se el niño que hora.

Duermet, mio cagnolo,
duermet, no lires más,
que vendrán los angelitos
y el niño se levanta!

Em Agosto de 1914 voltou a organizar novo Serão em Alcobaça, rebaptizado *Serão de Arte*, por lhe parecer que o *literário* tinha *um ar um pouco pelintra*.



A minuciosa preparação dos serões, e o orgulho com o resultado final

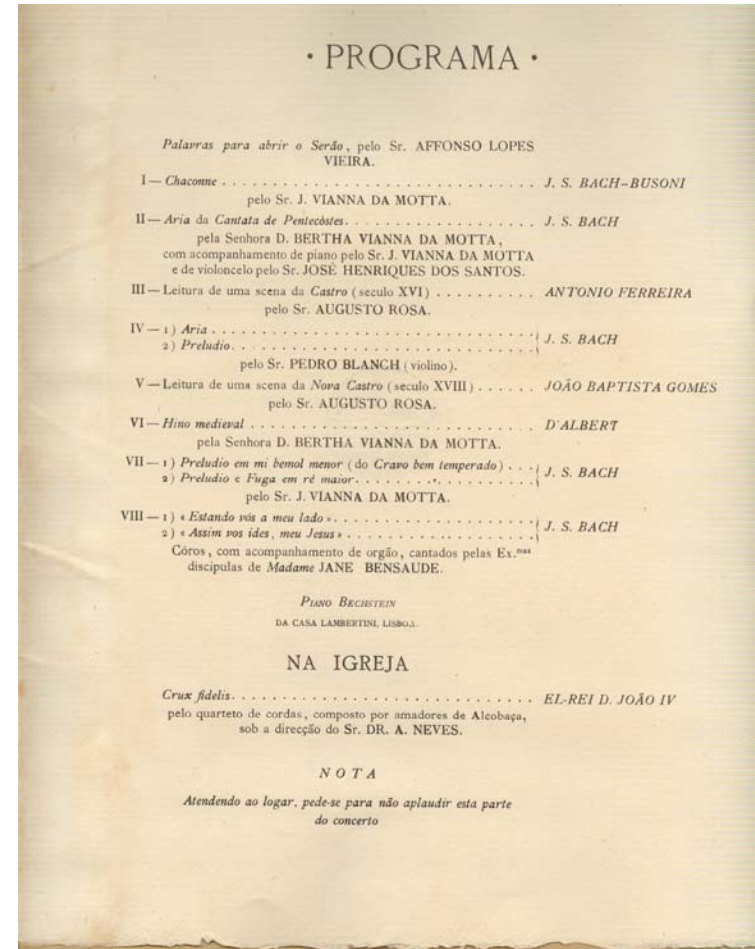
[...] Quanto à ocasião [de o casal Rosa passar uns dias na casa de S. Pedro], devia ser, como já lembrei, em Agosto, aproveitando o serão em Alcobaça, como me parece natural, porque também me não consolaria que V. E. não assistisse ainda este ano sem haver razão de peso para isso, desde que eu disponha as cousas todas com método, com o método superior que emprego *religiosamente* nas cousas a que me dedico e amo, e só nessas.

[...] Repito que acharia muito triste que se privasse de assistir ao Serão, cuja *grandeza*, pelos nomes dos que o realizam naquele lugar, me parece mesmo *inédita*. [...]

Eu não penso senão em 12 de Agosto!

Tenho uma correspondência enorme e há sempre cousas novas a tratar. O drama dos quartos nos hotéis é uma das questões não direi mais artísticas mas de certo mais próprias para preocupar. Tenho o programa completo, e é admirável. Este ano chamo *Serão de Arte* porque o *literário* ali tinha um ar um pouco pelintra, não é verdade? [...]

(BML, Carta de ALV a Leonor Rosa, de 21 de Julho de 1914, A125, nº. 33782)



Estas *romagens pela arte* foram interrompidas pelo clima da Primeira Guerra Mundial e o serão de 1914 acabou por não se realizar...

SERÃO·DE·ARTE·NO·CLAVS
TRO·DO·MOSTEIRO·DE·AL
COBAÇA

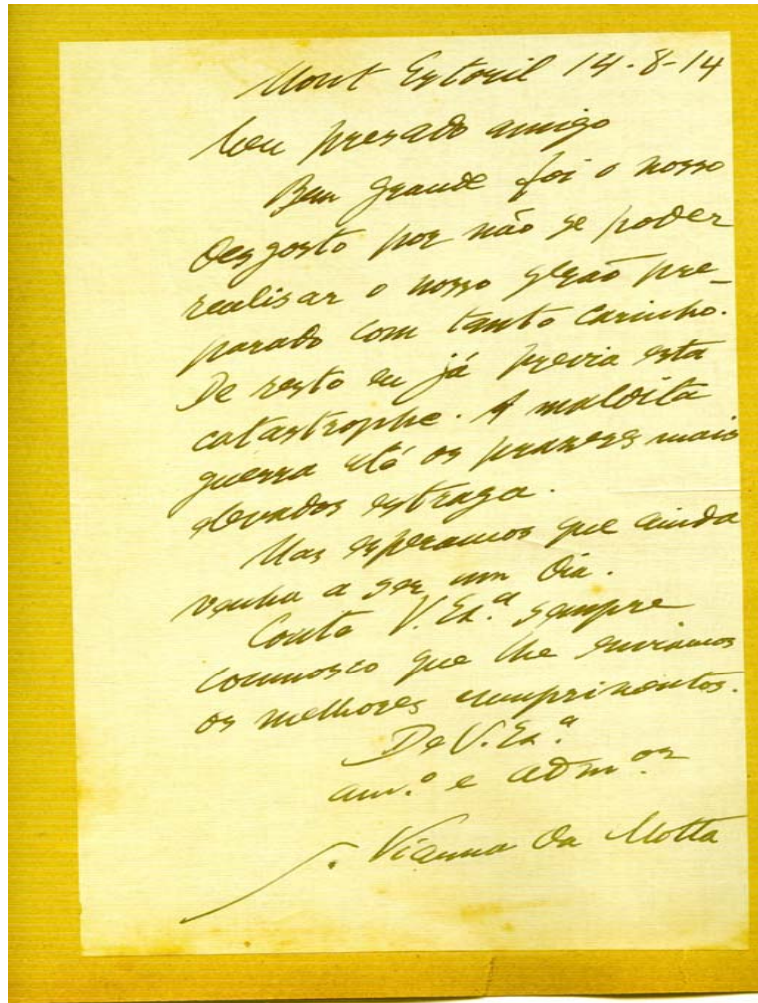


ADMISSÃO

12 de Agosto de 1914

1000 Reis

Lopes Vieira conservou a carta de Viana da Mota, que lamenta a morte do sonho de arte:



Meu prezado Amigo

Bem grande foi o nosso desgosto por não se poder realizar o nosso Serão preparado com tanto carinho. De resto eu já previa esta catástrofe. A maldita guerra até os prazeres mais elevados estraga. / Mas esperamos que ainda venha a ser um dia.

Conte V. Ex.^a sempre conosco que lhe enviaremos os melhores cumprimentos. / De V. Ex.^a / Am.^o e adm.^o

Vianna da Motta

(BML, RI, f. 103v, Carta de Viana da Mota a ALV, de 14 de Agosto de 1914)

Só em **Julho de 1929** são de novo retomadas as iniciativas, quando da reintegração da sala do Refeitório, num clima de aberta e positiva expectativa, registado na conferência de Lopes Vieira ***No Mosteiro de Alcobaça***

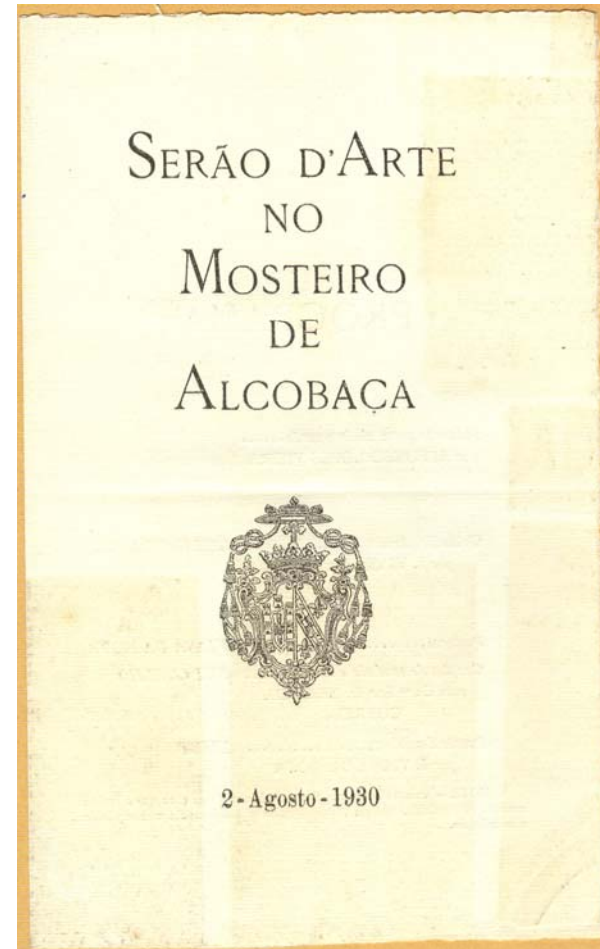
- No papel de embaixador dos valores portugueses, Lopes Vieira é escolhido para discursar na Exposição de Sevilha, realizada em 1929:
- [...] El motivo de la conferencia que vengo a pronunciar en vuestra magnífica Exposición Hispano-Americana de Sevilla con tanto placer y honra, y animado del gran Espiritu Occidental, que se inspira en las incomparables tradiciones de dos Naciones que descubrieron el mundo, que salvaran mas de una vez la Cristandad, y que crearon tantas nuevas y hermosas patrias, — el motivo, repito, de esta conferencia es mostrarvos varias escenas capitales de las tumbas de Alcobaça, es decir, el amor y el dolor contados por el proprio Don Pedro. [...]

(*Dõna Inés de Castro*: fols. 2-3)

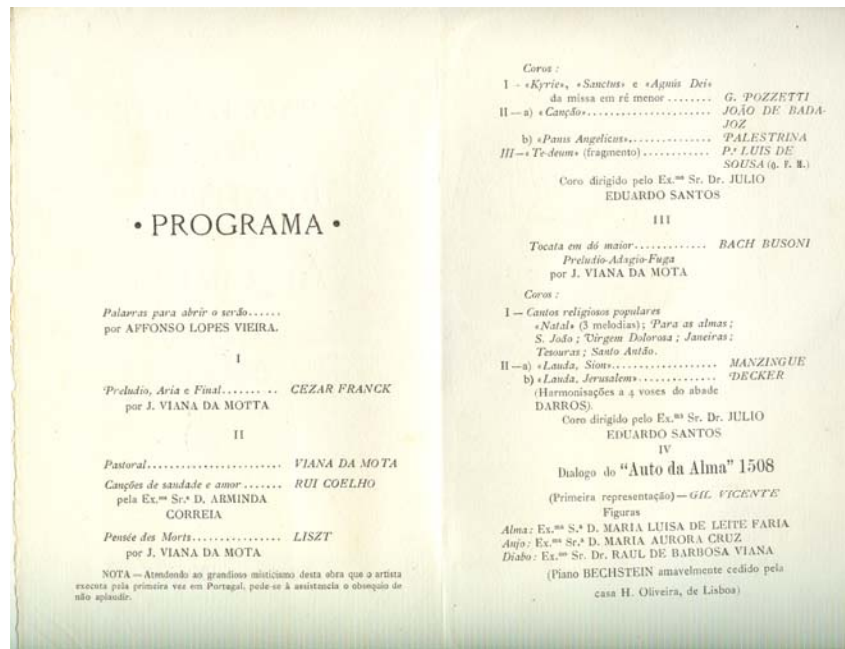
A tradição dos Serões é reatada em 1930

- [...] A sua presença, e a dos Seus, no mosteiro de Alcobaça em a noite do próximo dia 2, seria para Viana da Mota e para mim um grande gosto.
- Em nome do nosso ilustre Amigo e no meu próprio aqui lhe lembro pois essa data de grande arte. [...]

[BNLx., Carta de ALV a Jaime Batalha Reis, esp. E4]



A persistência obstinada de uma ideia:



- A partir de 1935, as romagens readquirem uma funcionalidade específica em ligação com as obras de restauro do Mosteiro, embora sem nunca alcançarem o brilho dos primeiros serões.
- Nesse mesmo ano, Lopes Vieira conseguia levar à cena, no adro do mosteiro, a representação de *A Castro* e, no claustro, do *Auto da Mofina Mendes*, pela empresa Rey Colaço-Robles Monteiro, num espectáculo a que assistiram entre cinco a seis mil pessoas.

A desilusão de Lopes Vieira com a capacidade de Portugal para cumprir o ambicioso programa de *reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu*

- Paralelamente ao sucedido com a campanha dedicada a Gil Vicente, o programa dedicado aos Serões de Alcobaça finalizava com uma nota de amargura: a de alguém que, amando profundamente o seu país, a sua arte e o seu património, estrategicamente concebeu vários programas culturais para o divulgar e fazer amar, nacional e internacionalmente, para concluir da pouca eficácia com que os poderes estatais utilizam esse bem único e essencial.

